

COMUNIDADES

**EMPREEN
DEDORAS**

CAP.

ESTRA

CAP. DE AMOSTRA

RAFAEL RIBEIRO

COMUNIDADES

**EMPREEN
DEDORAS**

**INICIE O MOVIMENTO DA
COLABORAÇÃO E COMECE A DESENHAR
O BRASIL DO FUTURO**



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2021

CAP. DE AMOSTRA

SUMÁRIO

Sobre o autor	vii
Agradecimentos	ix
Prefácio	xv
Introdução	1
A história do empreendedorismo no Brasil	7
Capítulo 1: O sonho de ser uma Associação Brasileira de Startups	17
Capítulo 2: Entenda a sua comunidade	25
Capítulo 3: Cultura	37
Capítulo 4: Densidade e Diversidade	55
Capítulo 5: Capital	67
Capítulo 6: Ambiente regulatório	89
Capítulo 7: Talentos	115
Capítulo 8: Acesso a mercado	133
Capítulo 9: Resultados	149
Capítulo 10: Futuro: O que está por vir?	157
ÍNDICE	165

CAP. DE AMOSTRA

Introdução

Quando pensamos em comunidade, logo associamos a palavra à comunhão, a um grupo de pessoas que se reúnem em função de um objetivo em comum. É sobre isso que este livro trata, sobre o poder da concordância, da unidade, e a força que um propósito conjunto tem de transformar vidas e realidades Brasil afora. Não podemos deixar de lado a harmonia, outra característica fundamental para quem deseja construir algo sólido e enraizado, afinal, quando uma comunidade se une em prol de um objetivo, nada mais saudável e ideal do que um ambiente convidativo que estimule o compartilhamento de ideias e informações, que valorize as conquistas do grupo, que, neste contexto, significa o desenvolvimento de um município ou até mesmo de toda uma região, como será apresentado nas próximas páginas.

Você já parou para pensar em onde as comunidades de startup do Brasil se encontram? Em qual estágio elas estão e quais são as mais aquecidas e as que ainda estão em um processo inicial de aprendizado? Existem iniciativas consolidadas fora dos grandes centros econômicos do país? Foi para responder a essas e outras perguntas que este projeto ganhou vida.

Nos últimos quatro anos da minha vida, mergulhei a fundo neste universo e me dediquei não apenas em buscar essas respostas, mas para que comunidades antes desconhecidas pudessem ganhar força, visibilidade e reconhecimento. Grupos que até então não tinham voz no cenário nacional passaram a ter destaque, a ser divulgados e visitados. Talvez este tenha sido o meu maior propósito: conhecer, contribuir e valorizar o trabalho de grupos que têm feito a diferença em todo país, de norte a sul, leste a oeste.

Nos últimos anos, algumas regiões se consolidaram como pontos nevrálgicos quando o assunto é inovação e startups. E essa conquista se dá em função de motivos óbvios: são locais em que um conjunto de fatores — mão de obra, mercado, capital, universidades, poder público — proporciona as condições ideais para o surgimento de novos negócios, principalmente de base tecnológica.

Por isso, tudo que será mostrado nas próximas páginas é resultado de um trabalho aguerrido de uma equipe que não mediu esforços para visitar e conhecer de perto comunidades que não tiveram, necessariamente, acesso a grande parte dos fatores citados acima, mas que mesmo assim têm feito a diferença em suas respectivas regiões e têm muito para contribuir com o ecossistema brasileiro.

Quando falamos de ecossistema de startups, estamos nos referindo a todos os elementos que de alguma forma contribuem para a construção de um ambiente favorável ao desenvolvimento de startups. Quando bem aplicados, cada um desses agentes — sejam pessoas, empresas, instituições ou

órgãos do governo — se torna uma peça fundamental para o nascimento e sucesso dos novos negócios.

Ao longo dos últimos quatro anos realizei mais de 150 visitas às comunidades que, conseqüentemente, geraram mais de 60 estudos para mostrar o que essas comunidades espalhadas pelo Brasil têm feito e, principalmente, seus desafios e superação. Tenho um imenso orgulho de dizer que visitei, uma a uma, nos mais diversos estados e regiões, para entender o que funciona e o que não funciona para apresentar nesta obra. Através desse mapeamento, é possível também ajudar a identificar quais e quem são esses agentes próximos a você e da sua comunidade que se dedicam a fomentar o ecossistema empreendedor. Mais do que isso, na prática é mostrar “como fazer” para quem quer fazer.

E por que fazer isso? O motivo é simples: se a gente conseguir dar visibilidade para uma comunidade, o poder de conexão e a atratividade dela aumenta. E resultado disso são startups cada vez mais fortes e inspiradoras. Note que o processo de descentralização é de extrema importância para o desenvolvimento de inovação no Brasil, um país que tem a diversidade como uma de suas principais riquezas. E, assim, vamos falando de comunidades de startups e promovendo conexões para quem está na ponta, as heroínas e heróis que empreendem no Brasil.

Atualmente vivemos um momento ímpar na história do nosso país, estamos em ebulição. Apesar de ser um ecossistema relativamente novo se comparado ao Vale do Silício, a Israel, à China, entre outros, surgiram recentemente algumas das startups mais revolucionárias do país, incluindo os

primeiros unicórnios. Como veremos adiante, boa parte das startups que estão nos holofotes ainda estão localizadas nas cidades do sudeste do Brasil, que, com suas condições privilegiadas, como acesso fácil a universidades, parques tecnológicos, aceleradoras e fundos, é o berço dos negócios de alto impacto. Comunidades como a de Florianópolis, a cidade brasileira com maior número de startups por habitante — são cerca de 16 mil empreendedores, segundo a Associação Catarinense de Tecnologia (Acate) — de onde vieram Neoway e Resultados Digitais, é um bom exemplo. Podemos citar a de Belo Horizonte, onde o chamado San Pedro Valley congrega universidades, hubs de inovação e fundos de venture capital. O resultado? MaxMilhas, Sambatech, Méliuz e Sympla são apenas alguns dos cases de sucesso de lá.

E eu poderia citar muitos outros exemplos, mas meu objetivo é mostrar que há outras regiões, nem sempre consideradas polos de inovação no Brasil, mas que vêm conquistando resultados importantes — e revelando também outras tantas startups de sucesso. Em cada tópico fundamental (pilares), você encontrará informações referentes ao contexto histórico local e sobre o que acredito serem os seis principais pilares do ecossistema. São eles: Talentos, Cultura, Densidade e Diversidade, Acesso a mercado, Capital e Ambiente regulatório, que serão aprofundados.

A partir de agora, você terá acesso ao universo das startups como nunca viu antes, com os olhos de quem vê a realidade em sua forma mais fiel e imparcial possível. Como conseguir isso? Basta pensar que parte do meu trabalho nos últimos anos foi mapear e analisar o ecossistema de startups em seus diversos nichos em todo o Brasil, gerar insights e bus-

car apresentar novas tecnologias e tendências para ajudar o empreendedor a alcançar o próximo nível. Sem exclusão ou divisão política ou geográfica. Visitei os quatro cantos do país, das comunidades mais estruturadas às que ainda estão em um processo de construção. Foi possível assim, deixando o escritório de lado, a sede em São Paulo e pegando a estrada, conhecer de perto a realidade e reunir a maior base de dados em tempo real sobre o ambiente de startups no Brasil, além de falar com todos e *para* todos.

Em campo nota-se que o sentimento comum entre as comunidades, e que as une, é o da colaboração e conexão, e as comunidades se encontram e se reconhecem. Querem levar de um lugar para o outro todas as suas vivências. Existe uma vontade de troca, de compartilhamento muito grande e latente. Querem que as pessoas experimentem o que cada local oferece, viver a cidade e cada experiência. O meu desejo sincero é que as nossas startups sejam, cada vez mais, motivo de orgulho nacional, trabalhamos muito para isso!

Em suma, este livro é um guia essencial para a construção de comunidades empreendedoras de apoio. “Comunidades de startups” estão surgindo em todos os lugares e os ecossistemas empreendedores estão impulsionando a inovação e têm se tornado a energia das empresas tidas como tradicionais. Este livro documenta o que tem sido feito, a estratégia, a perspectiva de longo prazo e a dinâmica de construir comunidades de empreendedores que podem se alimentar do talento, criatividade e apoio de cada um.

Com base em minha experiência, de outros empreendedores, e contato direto com as comunidades dos quatro cantos

do país, vou mostrar nas próximas páginas o que é preciso para criar uma comunidade empreendedora em qualquer cidade, a qualquer momento. Ao longo do caminho, oferecemos informações valiosas para aumentar a abrangência e a profundidade do ecossistema empreendedor, multiplicando conexões entre empreendedores e mentores, melhorando o acesso à educação empreendedora e muito mais. Nesse sentido, aprofundar os seis princípios fundamentais é necessário para formar uma comunidade de startup sustentável, viva, frutífera.

Este livro é ideal para empreendedores, grandes corporações que estão querendo se relacionar com as startups, investidores, agentes que lidam com o empreendedorismo e estão vinculados a entidades governamentais, e para quem busca entender como funciona uma comunidade, as ideias e oportunidades. Envolvente e informativo, este guia prático não apenas mostra como as comunidades de inicialização funcionam, mas também mostra como fazê-las funcionar em qualquer lugar do Brasil.

Rafael Ribeiro
Boa leitura!

A história do empreendedorismo no Brasil

Com toda certeza a palavra empreendedorismo nunca esteve tão presente na boca dos brasileiros como nos dias de hoje, mesmo de quem não entende o conceito e tudo o que ele envolve. De fato, empreender tem se tornado cada dia mais comum, assim como ouvir pessoas entusiasmadas que começaram a enxergar no empreendedorismo não apenas uma oportunidade de ter um negócio próprio, mas a chance de adotá-lo como estilo de vida.

E é mais do que normal que ainda existam inúmeras dúvidas, afinal, o próprio ecossistema empreendedor no Brasil ainda é muito jovem, e talvez estejamos vivendo hoje o melhor momento para falar sobre o tema, desmistificar alguns mitos sobre o assunto e, principalmente, mostrar que, apesar da pouca idade, avançamos e muito nos últimos anos.

Para entendermos em que pé estamos hoje é preciso voltar alguns anos e conhecer a história do empreendedorismo no Brasil e as iniciativas e marcos que nos conduziram até aqui. Para começar nossa viagem no tempo, vamos primeiro entender alguns conceitos para que possamos dar os próximos passos. A palavra empreendedor deriva do inglês *entrepreneur*, que, por sua vez, vem do termo do francês antigo “*entreprendre*” e, neste livro, vamos, de forma bem objetiva, entender como é aquela pessoa que assume risco e começa algo novo.

Para que se possa ter uma noção a nível mundial, os primeiros indícios registrados de que alguém começou a assumir riscos e investir em algo novo foi no século XVII. Naquela época, apesar do termo não ser difundido e muito menos adotado para definir aquela prática até então desconhecida, os empreendedores tinham um acordo contratual com o governo para realizar a produção de seus produtos. Richard Cantillon foi um importante escritor e economista da época, sendo considerado um dos criadores do termo empreendedorismo. Para ele, era evidente a necessidade de diferenciar o empreendedor do capitalista (aquele que fornecia capital).

Como nosso objetivo aqui é apresentar a cronologia do empreendedorismo no Brasil e não no mundo, é importante registrar apenas que os capitalistas e os empreendedores foram finalmente diferenciados, em função do início da industrialização que acontecia por todo o mundo através da Primeira Revolução Industrial, ocorrida na Grã-Bretanha já no final do século XIX e começo do XX. Mas, ainda assim, os empreendedores da época começaram a ser confundidos com os administradores, sendo analisados meramente pelo ponto

de vista econômico. Ou seja, ainda eram vistos como aqueles que apenas organizam uma empresa, o que basicamente se resumia a pagar o salário de seus empregados, planejar técnicas para melhoramento da sua empresa, além de dirigir e controlar as ações que eram desenvolvidas em suas organizações, sempre servindo a um capitalista, o que não é o caso do empreendedor que planeja tudo com seus próprios investimentos, sem o dedo de um capitalista investidor. De lá para cá, centenas de novos pensadores se aprofundaram no tema e no conceito, bem como em sua aplicação, e foram se desenhando para que chegássemos aos dias de hoje. Novamente, como nosso objetivo é mostrar os principais fatos históricos no Brasil, não trataremos aqui de nenhum autor específico.

Para dar início ao nosso recorte no país, o empreendedorismo surgiu em meados dos anos 1990, o que só foi possível graças à abertura econômica na época e à entrada de fornecedores estrangeiros, ajudando alguns setores em que antes não era possível competir com os produtos importados. A partir daí, várias iniciativas, públicas e privadas, nos trouxeram aos dias de hoje. É de suma importância dizer ainda que provavelmente não constam aqui absolutamente todas as iniciativas, ações e programas, afinal, com toda certeza sabemos que existem diversas outras instituições e contribuições pelo Brasil. Meu único intuito ao apresentar esta cronologia é apresentar aqueles que fundamentaram e criaram a base do ecossistema que temos hoje e, caso seu nome ou ação não esteja aqui, sinta-se prestigiado da mesma forma, afinal, você sabe o quanto foi importante nesta construção.

- 1987 Criação da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec).
- 1990 No Brasil, temos histórico de investimento-anjo desde o início da década de 1990, efetivado de forma passiva e sem muita organização.
- 1990 Abertura econômica e criação do Sebrae para apoiar e qualificar empreendedores.
- 1993 Criação do Programa Empretec, desenvolvido pela ONU, com o objetivo de fomentar o empreendedorismo e educar por meio de seminários e cursos.
- 1994 Venture Capital já havia sido regulado pela Instrução CVM 209, de 1994, o que possibilitou a criação dos Fundos Mútuos de Investimentos em Empresas Emergentes (FMIEEs). Nasceram as primeiras empresas de Venture Capital como a Confrapar, embora esse tipo de investimento exista no Brasil desde antes da década de 1980.
- 1999 Lançamento do Programa Brasil Empreendedor, pelo governo federal, para estimular empreendedores em todo país.
- 2000 Surgem os primeiros grupos de investidores-anjo privados com a criação, em 2000, do Gávea Angels no Rio e, em 2003, do Floripa Angels em Florianópolis, além do São Paulo Anjos, em São Paulo.
- 2000 Endeavor começa a atuar no Brasil.
- 2000 Criação do Porto Digital em Recife, considerado um dos principais parques tecnológicos do Brasil.
- 2000 Surge um centro de empreendedorismo na Universidade de São Paulo (USP).
- 2003 Criação de mais empresas de Venture Capital e abertura de Fundos de Investimento em Participações (FIPs).
- 2004 Artemisia é fundada pela Potencia Ventures. Seu programa de aceleração tem como foco, não exclusivo, acelerar negócios nas áreas de saúde, educação, serviços financeiros e habitação.
- 2006 Estabelecimento do Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte.
- 2007 Formação da Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios (Redesim), visando simplificar a maneira de legalizar uma empresa.
- 2008 Yuri Gitahy monta a Aceleradora, que se tornou a primeira aceleradora de startups no Brasil, inspirado na aceleradora Y Combinator dos Estados Unidos.

- 2008 Criação e regulamentação do Microempreendedor Individual (MEI).
- 2010 Pesquisa da Global Entrepreneurship Monitor (GEM) aponta que Brasil é o maior na Taxa de Empreendedores em Estágio Inicial (TEA).
- 2010 É realizado o primeiro Startup Weekend no Brasil.
- 2011 Fundação da Anjos do Brasil, entidade que difunde a ideia e conhecimento sobre o Investimento-anjo para todo o país.
- 2011 É fundada a 21212 no Rio de Janeiro. A aceleradora 21212 tem escritórios em Nova York e no Rio de Janeiro e busca startups em estágio de validação de hipóteses e desenvolvimento do produto.
- 2011 Criação da Abstartups.
- 2011 A Startup Farm nasce e sua sede fica na capital paulista. A aceleradora acolhe desde startups que estejam iniciando até mais maduras.
- 2012 Em junho de 2012, surge a startup 99 Táxi e, quase seis anos depois, a 99 tornou-se oficialmente o primeiro unicórnio brasileiro.
- 2012 ACE (antiga Aceleratech) é fundada em agosto de 2012 por Mike Ajnsztajn e Pedro Waengertner, dois empreendedores seriais após a venda de sua última empreitada (Zuppa) para o Peixe Urbano.
- 2012 O Start-Up Brasil é lançado com o objetivo de ser um grande programa de aceleração de startups do país e trata-se de uma iniciativa do governo federal.
- 2013 Acontece o 1º Congresso de Investimento Anjo na sede da BM&FBovespa, em São Paulo.
- 2013 Nasce a primeira iniciativa de um governo do estado: o programa de apoio a startups SEED do governo de Minas Gerais.
- 2014 Realização do primeiro CASE (Conferência Anual de Startups e Empreendedorismo) pela Abstartups.
- 2015 O Cubo Itaú, em parceria com a Redpoint eventures, é criado no final de 2015 na capital paulista. Um espaço, físico e digital, para criar conexões e gerar valor entre empreendedor e investidor, grandes empresas, universidades e outros empreendedores. Atualmente é reconhecido como o maior hub de inovação da América Latina.
- 2015 É registrada pelo Sebrae a maior taxa de empreendedorismo no país: 39,3%. De acordo com os dados divulgados, 52 milhões de brasileiros com idade entre 18 e 64 anos estavam envolvidos na criação ou na manutenção de algum negócio.

2015

É fundada a Liga Ventures, pioneira no mercado de aceleração corporativa e corporate ventures.

2015

Nasce a aceleradora Darwin Startups, em Florianópolis, com o objetivo de investir financeiramente e contribuir com mentorias e networking para o desenvolvimento de projetos inovadores. Esta que vem a se tornar, por duas vezes, a melhor aceleradora do país.

2016

Lançamento do primeiro Censo Brasileiro das Startups, pesquisa realizada para levantar dados sobre a expansão dessa modalidade de negócio.

Desde 2016, temos o Google for Startups em São Paulo, com seu 6º Campus e o primeiro na América Latina. O espaço, voltado para profissionais criativos e empreendedores, conta com espaço de coworking aberto, eventos e programas de capacitação para residentes e não residentes e conexão com os outros campi da rede.

2017

Lançamento do projeto Jovem Empreendedor Primeiros Passos (JEPP), o qual se propõe a ensinar empreendedorismo nas escolas.

2018

Startup Summit SC: evento realizado pelo Sebrae em parceria com a comunidade de SC que nasceu para ajudar a melhorar o mercado.

2019

Realização da 6ª edição do CASE, que reuniu em SP mais de 12 mil participantes de todas as regiões e estados do Brasil.

Também em 2019, alcançamos o número de onze unicórnios brasileiros.

Através da cronologia apresentada, fica fácil perceber que, nos últimos anos, todas as iniciativas, entidades e eventos criados foram e são fundamentais para que o ecossistema fosse, de fato, criado e para que ele se tornasse mais forte e organizado. É importante ressaltar ainda que selecionei alguns fatos e marcos importantes para o ecossistema como um todo, mas é claro que não representa a totalidade de ações e iniciativas espalhadas pelo país, afinal, são muitas e todas são e foram fundamentais para chegarmos ao número de onze unicórnios.

Empreender definitivamente não é uma tarefa fácil. É preciso, antes de tudo, acertar as expectativas e entender, pelo menos na teoria, os desafios que serão recorrentes no dia a dia. Com a prática e os erros do passado, o que percebemos é que no Excel tudo é lindo e promissor, mas, no mercado, as coisas podem ser muito diferentes das projeções. Como o Amure Pinho costuma falar, fazendo uma analogia, “podemos dizer que empreender no Brasil ainda é subir numa escada rolante ao contrário”. Isso porque vivemos em uma montanha-russa, em um país repleto de desigualdades econômicas, sociais e culturais, além de burocrático.

Para quem deseja empreender, é preciso estar preparado financeiramente também. Hoje sabemos que o retorno é a longo prazo, quatro ou cinco anos para começar a gerar receita ou pensar em um *exit* ou até mesmo num IPO. Por mais que empreender esteja ligado aos sonhos e propósito de quem o faz, o mercado é o juiz, é quem vai dizer se sua solução é boa ou ruim. Para alcançar o sucesso, é preciso entender também que o modelo de negócios e a flexibilidade que uma startup tem e a chance real de *pivotar*, buscar novos caminhos, traçar novas estratégias e arrumar a casa para crescer é uma enorme vantagem em relação a um negócio tradicional.

Por fim, empreender é aprender a surfar com quem sabe surfar. São os mentores, *advisors*, investidores, quem você precisa ter do lado. Ninguém deve se jogar no mar sem saber o que vai enfrentar ou então certamente morrerá afogado.

Nos últimos sete anos, o ecossistema passou por um processo de amadurecimento muito forte dos dois lados. Tanto o empreendedor quanto o investidor entenderam seus respectivos papéis. Empreendedores começaram a estudar mais e

preparar melhor suas estratégias e negócios para enfrentar o mercado. Descobriram que, para escalar e construir uma startup com potencial, seria preciso montar um time competente e eficiente. Muitos entenderam na prática que um amigo deve continuar sendo seu amigo e não seu sócio ou colaborador. Não é seu primo que está na faculdade que deve desenvolver seu site ou criar sua logo, pois situações assim só atrapalham e atrasam todo o processo. Um bom time é composto por visões complementares, feedback rápido, duro e eficiente. Ou seja, o profissionalismo e a capacitação passaram a ser prioridades na hora de empreender.

Por outro lado, os investidores entenderam também que não se trata apenas do dinheiro, mas de mentoria, conexões, participação em decisões estratégicas importantes e acompanhamento constante do negócio. Os investidores em startups que são chamados de anjos também estão num processo de amadurecimento contínuo e mudança de *mindset*. São curvas de aprendizado que só fortalecem o ecossistema como um todo e quem ganha é o Brasil.

Apesar de estarmos “engatinhando”, especialistas dizem que leva em torno 20 a 25 anos para um ecossistema se consolidar de fato. No entanto, não existem dúvidas de que estamos no caminho certo como mostrado acima. Já tivemos destaques mundiais e os primeiros unicórnios “made in Brasil”. Entramos para o seletivo grupo de países com startups com valor superior a US\$1 bilhão. Mas o governo ainda não entendeu que o apoio e estímulo ao empreendedorismo no país é feito de forma bem modesta, de longe e sem entender muito a força e o potencial do nosso ecossistema.

É claro que ainda há muito o que fazer, mas o mais importante é começar. Assim como a atuação da mídia nacional, que ajudou e muito a popularizar palavras tais como inovação, empreendedorismo, tecnologia, investimento-anjo, startup, entre tantas outras que compõem o vocabulário dos empreendedores. É evidente que, quanto mais falamos sobre isso e desmistificamos alguns medos e erros comuns, além de disponibilizar conhecimento relevante, construímos novas pontes e aproximamos investidores, por exemplo, ao destacar iniciativas e o que tem sido feito, o que faz com que a roda gire mais forte e nos tornemos mais representativos.

Tudo o que é novo causa estranheza e é natural que passe por um processo de evolução contínuo, erros e acertos, até se encontrar o equilíbrio. Até pouco tempo atrás, as ruas não estavam pavimentadas. Os primeiros desbravadores precisaram capinar, desviar dos buracos, criar e indicar as melhores trilhas para chegar ao topo. Todo esse movimento retratado até aqui fez com que o ecossistema no Brasil ganhasse forma e se tornasse acessível a todos. Hoje as estradas já foram criadas e o topo não é mais “impossível” de vislumbrar. A população já adotou as startups no dia a dia e atualmente vários negócios já fazem parte da vida de milhões de brasileiros. A fotografia real que encontramos hoje é de um ecossistema que já conseguiu se provar e agora caminha para crescer, mostrando todo seu valor e potencial, assim não é preciso mais comprovar nada para ninguém.

Vivemos a era da exponencialidade, mas ainda falta muito trabalho a ser feito. Um dos maiores desafios ainda é aproximar as escolas e universidades que estão começando a implantar o empreendedorismo em seus currículos, por exemplo. Deu-se iní-

cio à fase de oportunidades, os próximos anos são promissores e teremos, com toda certeza, comunidades ainda mais fortes, novos casos de exits e unicórnios. Hoje sabemos também qual o perfil do empreendedor brasileiro, quais suas perspectivas sobre o ecossistema e o que precisa ser aperfeiçoado.

Um estudo realizado em 2018 liderado por mim e pela Luiza Zambrana, pela Abstartups, em parceria com a Accenture, líder global em soluções e estratégia de negócios, apontou como estamos e, de certa forma, aonde podemos chegar. São destaques desta radiografia:

- 73% das startups mapeadas estão entre as dez maiores comunidades.
- 41% das startups ainda estão buscando por tração.
- 44% operam com modelos de serviços (SaaS).

Números como esses nos ajudam a entender vários gargalos que precisam ser trabalhados, como, por exemplo, o fato que o processo de descentralização é de extrema importância para o desenvolvimento de inovação no país. Quando todas as “pontas” se unem, o resultado é mais representatividade, poder de conexão e visibilidade para as startups!



**O sonho
de ser uma
Associação
Brasileira de
Startups**